



AEDOS

Revista do corpo discente
do PPG-História da UFRGS

Possibilidades nas Margens:

Comentários ao texto “Tempo de Lembrar:

as Memórias dos Portadores de Lepra sobre o Isolamento Compulsório”,

de Keila Auxiliadora Carvalho.

Prof. Dra. Beatriz Teixeira Weber

Departamento de História – UFSM

Somos historiadores privilegiados quando encontramos fontes que nos oferecem possibilidades de ver nossos pesquisados aflorarem. E, quando podemos construir o material que vai ser utilizado, a partir de depoimentos desses personagens, dispomos de uma riqueza ainda maior de possibilidades. A proposta de trabalho desenvolvida por Keila Auxiliadora Carvalho possui essas vantagens, quando utiliza de depoimentos de ex-internos portadores de hanseníase da Colônia Santa Izabel, situada em Minas Gerais.

A autora possui sensibilidade para o desenvolvimento de uma tarefa difícil. Ela propõe-se lidar com o depoimento de indivíduos que foram colocados em isolamento compulsório, levando em conta a memória desses indivíduos, considerando o processo como de re-construção de sua identidade quanto à dimensão social e econômica da política de controle da lepra desenvolvida a partir do final dos anos 1930.

Diversos aspectos metodológicos são destacados pela autora e que são importantes para a compreensão dos procedimentos da história oral. Ela situa a postura desenvolvida com história oral como genuinamente hermenêutica, procurando saber compreender as expressões de vivência do outro. O permanente exercício de interpretação é um exercício importante para dar significado à fala do outro, levando em conta os múltiplos aspectos que podem estar

implicados nessa fala. Esse exercício demanda um amplo conhecimento do contexto em que se está trabalhando, relacionando dados com a memória que pode aflorar, mas também, e principalmente, uma profunda compreensão da organização do humano como indivíduo independente, que articulou diversos elementos na sua trajetória de vida. Os significados apresentados pelos depoentes podem indicar aspectos históricos importantes, como também formas de articulação e representação da realidade que são próprias dele, mesmo que de acordo com um contexto mais amplo. Saber articular esses elementos é uma tarefa da atividade do historiador que se debruça sobre a fala dos seus personagens.

A constituição da memória de depoentes que se articularam como grupo é outro aspecto importante apresentado pela autora. O interesse gerado pelo grupo de Santa Izabel nas pessoas da região, que os visitam e solicitam suas expressões, faz com os depoentes ofereçam a sua perspectiva de forma a atender às “curiosidades”. Daí esses indivíduos apresentarem-se como “nós”, ou “a gente”, pois constituíram-se como parte de uma “comunidade afetiva”, segundo a expressão de Keila Carvalho, fazendo parte de uma história que não é isolada, que é a “história dos moradores de Santa Izabel”. Esse aspecto também pode significar que os depoentes articularam uma versão aceitável da história que vivenciaram, escolhendo o que lembrar para perpetuar a memória de sua vida como parte do grupo. Como a autora destaca, “fazer a seleção do que deve ser lembrado e do que deve ser esquecido, envolve uma relação política de acordo com as necessidades dos sujeitos que participam de determinada conjuntura” (p. 242). Contudo, também é importante salientar que a memória possui uma dinâmica ao longo da trajetória do indivíduo. A memória vai sofrendo novas interpretações, que vão sendo agregadas ou vão dando novos significados para os relatos referidos, porque alteram-se de acordo com o trajeto do presente. Esses processos fazem parte da construção da identidade e envolvem um desejo de harmonização retrospectivo de sua própria história e desejo de apresentá-la com uma identidade unificada (SERRES, 2009, p. 25). Daí a atenção do historiador para perceber essas mudanças e suas implicações.

Gostaria de destacar que a utilização da história oral foi marcada por contextos específicos em cada país. Nos Estados Unidos ocorreu no final dos anos 1960 e início de 1970, vinculada à preocupação do movimento por direitos civis em recuperar os depoimentos de ex-escravos para que pudessem elaborar uma história dos negros naquele país. No Brasil, uma das primeiras experiências com história oral ocorreu a partir de 1971, em São Paulo, no Museu da Imagem e do Som. Mas a mais enriquecedora atividade nesse campo tem sido desenvolvida pelo Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil

(CPDOC), sediado na Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, que dispõe de um setor de história oral desde 1975. Um autor que foi referência bibliográfica por longo tempo para história oral no Brasil foi Paul Thompson, buscando explicitar como os historiadores poderiam lidar com os depoimentos (THOMPSON, 1992). A edição original do livro de Thompson na Grã-Bretanha é datada foi de 1978, sendo lançado no Brasil pela primeira vez em 1992. Sua publicação no nosso país coincidiu com uma visita do autor ao Brasil a convite do Museu da Imagem e do Som para um evento que procurava contextualizar e problematizar a discussão sobre o tema. Quando do lançamento do livro, ainda possuíamos aqui pouca bibliografia que fundamentasse a proposta, daí a repercussão da obra.

Especificamente no trato com depoimentos de personagens envolvidos com uma trajetória de doença e isolamento, creio que precisamos pensar com mais cuidado a vitimização que podemos fazer dos pacientes estudados. O papel desempenhado pela doença na vida desses indivíduos é fundamental na construção das suas identidades, são identidades penetradas por ser doente. Mas eles são mais do que isso, e não são só os elementos destacados pelo pertencimento no grupo. Os indivíduos constituíram suas trajetórias e deram sentido sem necessariamente sentirem-se vítimas do contexto, ainda que isso deva ter ocorrido em algum momento. Mas são personagens que construíram suas trajetórias ao longo de uma experiência dinâmica, que foi sendo elaborada a partir de possibilidades e das imposições que iam sendo colocadas. Esse cuidado teórico oferece um amplo leque de considerações sobre o papel do sujeito (THOMPSON, E., 1981; CERUTTI, 1998), especialmente quando esse sujeito parece que foi tão vitimado pelas circunstâncias. Acredito que podemos pensar a saúde e a doença como possibilidades de construção desses indivíduos, que não estavam só submetidos aos inexoráveis ditames do estado. Aliás, a área de discussão da doença possibilita que percebamos, mais detidamente, os elementos culturais que orientavam esses indivíduos e os elementos que eles foram definindo nos seus trajetos.

Um trabalho que muito bem desenvolveu essa questão, pensando na percepção dos personagens abordados, suas vivências e adaptações às diversas experiências pelas quais passaram foi o de Juliane Conceição Simon Serres, utilizando dois depoimentos de hanseníacos da Colônia Itapuã, no Rio Grande do Sul (SERRES, 2009). Ela trata a experiência desses indivíduos como plural, considerando isso como múltiplos aspectos perfazendo as trajetórias. São diversificadas as percepções dos indivíduos ao longo da vida. Também a análise desses depoimentos é assumida como incompleta, pelas dificuldades que gera para quem analisa e porque essas vidas não são unificadas. Na reflexão sobre os dados é

importante a preocupação de encontrar um caminho onde os indivíduos não sucumbam ao contexto e à doença. Juliane Serres constrói um texto onde procura levar em conta diversos aspectos teóricos específicos das relações dos pacientes com as suas narrativas, creio que é uma revisão bibliográfica bastante atual que pode contribuir para os que tematizam doença e história oral

Outro aspecto importante que o trabalho de Serres procurou tratar é a apresentação de dados quantitativos sobre a colônia em que os pacientes se inseriam, porque ainda possuímos poucos elementos que classifiquem as doenças em geral e, especialmente, a hanseníase. A quantificação do número dos pacientes ao longo da trajetória da colônia, bem como local de origem, estado civil, idade de internamento, etc., pode ajudar a configurar o grupo. Também creio interessante o pesquisador apresentar dados sobre a estrutura física das instituições, para que esses personagens possam ser inseridos em espaços específicos. O local delimitado das colônias definiu os passos dos internados, tanto por onde eles podiam andar como os significados que poderiam ser atribuídos a esses espaços. Descrever os lugares da colônia ajuda a percebermos os sujeitos com que se está trabalhando.

A construção de fontes que dão visibilidade aos sujeitos que estudamos é uma preciosidade a ser resgatada, apesar de não ser nossa única fonte. A história oral vem tendo um crescimento importante no Brasil, tendo uma Associação Brasileira de História Oral (ABHO) desde 1994, que congrega estudiosos e pesquisadores das áreas de história, ciências sociais, antropologia, educação e demais disciplinas das ciências humanas de todas as regiões do país que tem em comum o uso de história oral em suas pesquisas. Como já dizia Eric Hobsbawm, grande parte da história feita pelo povo assemelha-se ao sulco deixado pelo antigo arado, o qual pode parecer que desapareceu, mas as sombras de sulcos e regos há longo tempo esquecidos ainda podem ser vistas, ainda que sob certa luz ou vistas a certo ângulo (HOBSBAWM, 1990). Temos um importante trabalho a ser realizado com essas fontes, para destacarmos personagens que não teriam visibilidade de outra forma. As histórias desses indivíduos revelam maneiras de viver “nas margens”, considerando isso como uma região limítrofe entre depósitos culturais que permitiam novos cultivos e híbridos surpreendentes (DAVIS, 1997). A sua maneira, esses personagens adotaram uma posição marginal, que reconstruímos com uma centralidade diferente, ou seja, dando voz e vez para suas experiências.

Bibliografia:

CERUTTI, Simona. Processo e experiência: indivíduos, grupos e identidades em Turim no século XVII In: REVEL, Jacques (org.) *Jogos de Escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1998, p. 173-199.

DAVIS, Natalie Zemon. *Nas Margens. Três Mulheres do Século XVII*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

HOBSBAWM, E. J. A Outra História – Algumas Reflexões. In: KRANTZ, Frederick (org.). *A Outra História. Ideologia e Protesto Popular nos Séculos XVII a XIX*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990, p. 18-33.

LÉVI, Giovanni. *A Herança Imaterial: Trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

SERRES, Juliane Conceição Primon. *Memórias do Isolamento: trajetórias marcadas pela experiência de vida no Hospital Colônia Itapuã*. Tese de Doutorado. São Leopoldo: Programa de Pós-Graduação em História-UNISINOS, 2009.

THOMPSON, Edward. P. *A Miséria da Teoria ou um planetário de erros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1981.

THOMPSON, Paul. *A Voz do Passado – História Oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.